

A ideologia integralista no Paraná: o periódico “A Razão”, 1935

The integralist ideology in Paraná: the periodical “A Razão”, 1935

La ideología integralista en Paraná: el periódico “A Razão”, 1935

Rafael Athaides*

<https://orcid.org/0000-0003-3647-0509>

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar o conteúdo ideológico do jornal de militância integralista “A Razão”, que circulou no Paraná e em outros Estados em meados da década de 1930. Para tanto, foram estudados vinte e sete números do periódico, publicados entre maio de novembro de 1935, em Curitiba. Tal análise nos permitiu visualizar a seleção de conteúdos ideológicos distribuída aos militantes locais e sua adequação aos cânones da ideologia integralista, a partir das escolhas temáticas entre os temas-motores dos doutrinadores maiores do movimento.

Palavras-chave: Ideologia integralista. Estado do Paraná. Imprensa partidária.

ABSTRACT: This present article aims at analyzing the ideological subject matter found in the Brazilian integralist militancy newspaper “A Razão”. Such paper was propagated in the state of Paraná and other states in the mid-1930s in Brazil. To conduct the study, twenty-seven issues were evaluated. They were published between May and November of 1935 in Curitiba. This analysis unveiled a selection of ideological content distributed to local militant groups as well as revealing the adequacy of such material to the dogma of integralist canons in which the chosen topics came from a list of main themes of the movement’s major indoctrinators.

Keywords: Integralist ideology. State of Paraná. Partisan press.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar el contenido ideológico de la revista de militancia integralista “A Razão”, que circuló en Paraná y otros estados a mediados de la década de

* Professor de História Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Autor do livro “O Partido Nazista no Paraná (1933-1942)”, publicado pela EDUEM, em 2011. Desenvolve pesquisas e tem interesse nos seguintes temas: fascismos, política externa do Partido Nazista, Integralismo, imprensa fascista e grande imprensa. E-mail: rafael.athaides@ufms.br.

1930. Veintisiete números de la revista, publicados entre mayo de 1935, en Curitiba, fueron estudiados. Este análisis nos permitió visualizar la selección de contenidos ideológicos distribuidos a los militantes locales y su adaptación a los cánones de la ideología integralista, basadas en las opciones temáticas entre los temas motores de los principales doctrinadores del movimiento.

Palabras clave: Ideología integralista. Estado de Paraná. Prensa partidista.

Como citar este artigo:

Athaides, Rafael. “A ideologia integralista no Paraná: o periódico *A Razão*, 1935”. *Locus: Revista de História*, 28, n.1 (2022): 147-170.

Introdução: o Integralismo no Paraná

O braço paranaense da Ação Integralista Brasileira, a chamada Província do Paraná, foi fundado em 1934, menos de dois anos após o lançamento oficial do Integralismo no país. O seu auge foi no ano seguinte, quando chegou a congregar aproximadamente 40 mil filiados, elegeu um prefeito, vereadores e se tornou a segunda maior força política eleitoral nas maiores cidades do Estado. Dada essa força, a AIB no Paraná desafiou o equilíbrio do poder regional, já sacudido pelo movimento de 1930, em um delicado jogo de forças, que incluiu uma repressão precoce durante o interregno democrático brasileiro de 1934 a 1937.

Depois de uma malograda semente lançada na cidade de Ponta Grossa, ainda em 1932, sob a coordenação de Brasil Pinheiro Machado, o Integralismo se estruturou de fato no Paraná após um processo de refundação a partir de Curitiba. Tal processo se deu no ano de 1934, sob a liderança de Manoel Vieira Barreto de Alencar, catedrático da Faculdade de Direito do Paraná e, também, um dos fundadores da Universidade do Paraná¹. Entre os militantes iniciais, estavam indivíduos oriundos tanto da classe média ilustrada (professores, jornalistas, engenheiros, músicos, advogados, estudantes), quanto da “classe média inferior” (Trindade 1979, 136-137) (pequenos proprietários, comerciantes de pequeno porte e burocratas).

A maioria compunha um grupo formado por jovens com no máximo 38 anos de idade, de origem luso-brasileira. O contingente de teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros não alcançava números

¹ Manoel Vieira Barreto de Alencar nasceu no dia 20 de fevereiro de 1873, em Mata Grande, Estado de Alagoas. Seu pai, João Vieira Damaceno, era Coronel da Guarda Nacional na comarca de Paulo Afonso. De longa carreira jurídica e política no Paraná, ocupou cargos como o de Juiz e Deputado Estadual (na Primeira República) e Professor Catedrático da Universidade do Paraná. Seu perfil, no que tange ao quesito geracional, difere dos demais líderes integralistas do Estado e do país, que em geral nasceram na primeira década do século XX. Alencar faleceu em 20 de janeiro de 1960.

superiores aos das proporções desses grupos na própria sociedade paranaense. Eram majoritariamente nascidos no Paraná (80%) e, em geral, seus pais pertenciam a uma classe média e média-alta intelectualizada. Quase todos os filiados cresceram sob a influência do fervor nacionalista dos anos 1920 e 1930.

Entre agosto de 1934 e início de 1936, a AIB chegou a 35 mil filiados, depois da criação e consolidação de núcleos nas regiões interioranas a partir de seis ‘cidades-polo’ integralistas (Ponta Grossa, Guarapuava, Rio Negro, Paranaguá, Jacarezinho e Lapa), abrangendo todas as regiões habitadas do Estado. Com esse dado, a Província do Paraná, em número de inscritos, dividia com a do Espírito Santo a 8ª posição entre as 23 Províncias Integralistas. Em números relativos (militantes/número de habitantes), o Paraná ocupava a 5ª posição nacional.

Nas eleições municipais em setembro de 1935, ficou visível a força que o movimento adquirira em menos de um ano. Nas maiores cidades, em números absolutos por partido, a AIB apareceu quase sempre em segundo lugar, somente atrás do PSD, partido do governador Manoel Ribas. Contabilizou-se 24 vereadores eleitos, em 8 municípios, mas, como existem lacunas nos dados, é possível que esse número seja ainda maior. Em Curitiba, foram eleitos três vereadores, em Ponta Grossa e Rio Negro, metade das Câmaras Municipais vestiu a camisa verde. Um prefeito foi eleito, na cidade de Teixeira Soares e outro ganhou na justiça a prefeitura, em Rebouças. A primeira cidade entrou para a memória da AIB como a cidade que elegeu e empossou o primeiro prefeito camisa-verde do Brasil.

O sucesso dessas eleições acirrou os ânimos do governo estadual, que, em 1935, já apresentava abertamente suas discordâncias em relação à AIB. Depois de censurar o maior periódico do movimento no Estado, proibiu o funcionamento dos núcleos em pleno período democrático (abril de 1936); e em seguida, estabeleceu forte campanha repressora sobre quaisquer manifestações integralistas. Sedes foram fechadas à força, bandeiras e símbolos amplamente censurados, cerimônias proibidas.

Depois de intensa campanha nacional, a AIB conseguiu reabrir as portas no Paraná em fins de 1936, contudo, funcionaria apenas mais um ano, sob franca vigilância do governo do Estado. Com o golpe de Getúlio Vargas que instituiu o Estado Novo, em novembro de 1937, todos os partidos políticos foram fechados. O Integralismo, proscrito de qualquer participação no novo regime, desfechou um malfadado golpe em maio de 1938, na tentativa de capturar o Catete e matar Getúlio Vargas. O resultado foi a repressão sistemática aos ex-militantes e o exílio de Plínio Salgado na Europa. No Paraná, Manoel Ribas permaneceu no poder, novamente como Interventor Federal e logo se gabou em uma de suas primeiras entrevistas: “Apresso-me a dizer-lhes que já fui apontado

como inimigo número um do Integralismo, título, aliás, que muito me honra [...]” (Albuquerque 1994, 57).

O lançamento do periódico A Razão

O grande veículo da militância integralista no Paraná, nos anos 1930, foi o hebdomadário *A Razão*, publicado entre maio e novembro de 1935, cujo nome é uma referência ao jornal pré-integralista de mesmo título, publicado por Plínio Salgado em São Paulo, em 1932. Há menções na documentação sobre uma segunda fase do *A Razão* paranaense, iniciada no período da clandestinidade em julho de 1936, não obstante, nenhum exemplar dessa fase foi encontrado nos arquivos examinados (Anauê! jul. 1936, 23)².

Depois de breve circulação de um jornal intitulado *O Integralista*, publicado em Curitiba em 1934, as lideranças paranaenses, juntamente com um corpo de redatores e gráficos voluntários, lançaram o novo periódico oficial da AIB, o *A Razão*, em primeiro de maio de 1935. De qualidade superior em relação ao seu antecessor e com nova equipe de redatores, *A Razão* não era muito diferente dos jornais de circulação geral do Estado: suas 6, 8 ou 12 páginas apresentavam boa qualidade de impressão³ e, por meio de seus patrocinadores, apropriadas condições financeiras. Entretanto, não era um jornal feito por profissionais. A administração e redação estavam a cargo de universitários e funcionários do comércio de Curitiba, que em horas vagas se desdobravam nas oficinas gráficas. A tiragem inicial foi de 2000 exemplares, mas os frequentes pedidos, inclusive externos ao Paraná, fizeram o hebdomadário aumentar algumas vezes esse número⁴. O jornal poderia ser adquirido de forma avulsa em Curitiba na Papelaria Requião, na Rua Muricy ou na Banca do Jorge, na Rua XV; a assinatura anual custava 6\$000 e a semestral, 4\$000⁵.

João Alves da Rocha Loures Sobrinho⁶, assim como fazia no *O Integralista*, era o redator-chefe; para a direção do jornal foi escolhido um jovem e importante quadro da militância

² Além do *A Razão*, circularam no Paraná outras 5 folhas de militância: *O Integralista*, de Curitiba; *Brasilidade e Folha do Oeste*, de Guarapuava; *Brasil Novo*, de Ponta Grossa; *O Legionário* e *A Voz do Sigma*, periódicos de Castro e Curitiba, respectivamente, que surgiram somente em 1937 (Monitor Integralista 7 out., 1937, 10).

³ Apesar da discrepância topográfica, a maioria dos jornais regionais integralistas, reunidos no conglomerado “Sigma Jornaes Reunidos”, tinham características semelhantes a essas (Oliveira 2009). Alguns desses periódicos, como o paulista *Ação*, em função de seu sucesso, chegaram a ter 20 páginas por edição, publicando segmentos especializados – economia, cultura, esportes, seção feminina etc. (Barbosa 2007).

⁴ Em julho de 1935, o jornal chegou a atender 6.300 assinaturas (*A Razão* 30 jul. 1935, 5) e, no mês seguinte, a direção explicou a um militante que o periódico estava em processo de “aquisição [de] máquinas maiores para aumentar a tiragem” (*A Razão* 15 ago. 1935, 3).

⁵ Como incentivo às assinaturas, a partir do número 11, a direção do periódico disponibilizou uma apólice de seguros gratuita, com prêmios de até 20 contos de Réis, por meio da Empresa Construtora Nacional, de São Paulo. A partir de setembro de 1935, as assinaturas passaram a custar 10\$000 anuais.

⁶ João Alves da Rocha Loures Sobrinho descendia de uma família tradicional do meio jurídico paranaense. Nascido em Palmeira, em 1913, foi um ativo militante dos quadros universitários da AIB no Paraná; antes de cerrar fileiras no Integralismo, chegou a participar do Centro de Cultura Filosófica, fundado por Erasmo Pilloto, um reduto de intelectuais de tendências anticlericais e humanísticas (Silva 2009). As razões para a sua guinada ao espiritualismo católico são desconhecidas. Em intensa militância ao lado de outro entusiasmado universitário, Jorge Lacerda, Loures

integralista local, Jorge Lacerda⁷. O expediente ainda apresentava o tipógrafo Frederico Carlos Allende⁸, como gerente, o comerciante e fotógrafo Oscar Witt⁹, como secretário, Valdemir Bueno, Angelo A. Dallegrave¹⁰ e Lourival Wendler como auxiliares.

Em maio de 1935, a pauta política da imprensa brasileira gravitava em torno do debate sobre Lei de Segurança, a Lei Monstro, recentemente promulgada. Isso não seria diferente em um jornal de militância integralista, já que a AIB se encontrava entre os alvos da referida Lei. Jorge Lacerda provavelmente foi o autor do discurso inaugural da folha, lançado em primeiro de maio e dedicado “ao humilde e pobre operário”, que desferiu sutis ataques ao governo Vargas e à Lei de Segurança Nacional¹¹. Depois de apontar a militância a qual se propunha a AIB, “contra uma civilização burguesa, materialista, decadente, e contra todas as forças desagregadoras da nação”, o autor apresentou os intentos finais da cosmogonia integralista:

Uma Grande Marcha para um novo tipo de Civilização para a Quarta Humanidade Prophetizada por Plínio Salgado! E esta Marcha, que é Marcha irresistível do Brasil, há de acordar a Civilização, que dorme no seio maravilhoso da Atlantida lendária! E no Continente Sul Americano, há de despontar o esplendor eterno da Civilização Atlantida! Galvanizados pela fé, hão de erguer com os olhos fitos numa só idéia, os Estados Integralistas Sul Americanos! Bolívar, que não pode effectivar o seu sonho, como imperio de sua espada, há de se surpreender um dia, vendo Plínio Salgado, realizando-o somente com a força de sua fé e de sua palavra! Esta Grande Marcha traz consigo o impulso de 400 anos de sacrificios, de anseios, de inquietudes e de luctas mallogradas... (A Razão 1 mai. 1935, 1)¹².

Em seguida, o texto exprime a revolta contra a Lei de Segurança:

Sobrinho liderou o Departamento Universitário da Província até ser designado para o Departamento de Estudos. Após o fechamento da AIB, o militante teve sua prisão decretada pelo Tribunal de Segurança Nacional, mas pôde responder em liberdade; o processo não se concretizou, pois Rocha Loures Sobrinho faleceu em 2 de maio de 1939 (DOPS/PR, 1939, 1).

⁷ Jorge Lacerda nasceu em Paranaguá, em outubro de 1914. Estudou medicina na Universidade do Paraná nos anos 1930, período em que foi um dos porta-vozes do radicalismo militante na Província. Lacerda participou da Sociedade de Estudos Políticos, fundada por Plínio Salgado no início de 1932, precursora da AIB e, posteriormente, entrou para o Integralismo como um dos líderes da Província do Paraná, ocupando cargos de chefia no Departamento Universitário e na Secretaria de Imprensa. Mais tarde, teve participação na chamada Intentona Integralista de 1938 e seguiu carreira no Partido de Representação Popular no pós-guerra. Foi eleito Deputado Federal por Santa Catarina (em dois mandatos) e Governador do Estado, na década de 1950. Sua carreira foi interrompida pelo trágico acidente aéreo ocorrido em São José dos Pinhais, em 1958, no qual também faleceu o ex-presidente da República, Nereu Ramos.

⁸ Frederico Carlos Allende nasceu em Santos, São Paulo, em 1904. Profundamente ligado ao laicado católico, nos anos 1920 e 1930, Allende dirigiu as publicações da revista *A Cruzada* (impresa em suas oficinas, assim como o *A Razão*) e o jornal *Cruzeiro*; também participou da fundação do Círculo de Estudos Bandeirantes, em 1929 (Campos 2004 e 2005).

⁹ Oscar Witt era responsável pela biblioteca integralista da Sede Provincial e correspondente do *A Razão* em Santa Catarina. Também era um exímio fotógrafo, tendo tirado boa parte dos “retratos” que foram publicados no jornal.

¹⁰ Angelo Antonio Dallegrave seria posteriormente um reconhecido professor, congregado mariano, poeta e escritor de livros católicos, além de Bibliotecário da Biblioteca Pública do Paraná entre 1950 e 1976, ano da sua morte. Dallegrave ficou conhecido na imprensa dos anos 1960 por ter representado a voz oficial da Igreja Católica contra o culto à “Maria Bueno”, divindade popular curitibana não reconhecida pela Santa Sé (Jurkevics 2004).

¹¹ Nos textos de Lacerda é comum a utilização de três asteriscos para indicar quebras temáticas. No texto inaugural, embora não haja a indicação do autor, está presente essa marca tipográfica distintiva.

¹² A “Quarta Humanidade” seria a síntese das três humanidades anteriores: a “humanidade politeísta”, anterior ao cristianismo, a “humanidade monoteísta”, do medievo, e a “humanidade ateísta” oriunda do renascimento (Salgado 1995). O historiador e comandante da milícia integralista, Gustavo Barroso, também elaborou sua versão filosófica da história ‘em fases’, porém enfatizando os tipos de “exploração judaica” em cada uma delas (Barroso 1935).

Não há leis, que possam paralizar a marcha consciente de uma Nação! Abafaram porém, o rumor de seus tambores, de suas milícias e de seus clarins! Mas que são esses rumores, já abafados, diante dos rumores revoltados da própria consciência nacional, que não se abafam nem com leis, nem com decretos? (A Razão, 1 mai. 1935, 1).

A crítica presente no discurso de Lacerda foi suavizada por outro texto publicado no mesmo número inaugural do jornal (inclusive na mesma página), de autoria do Chefe Provincial. A presença desse texto, em certa medida contradizendo o primeiro, é a primeira demonstração da existência de certa tensão entre o afoitamento dos jovens radicais, dirigentes do jornal e as posições comumente comedidas de Vieira de Alencar. Trata-se dos primeiros embates típicos da fase do “enraizamento político” dos fascismos, na qual os movimentos buscam suavizar discursos ou abafar militantes radicais internamente, na busca de resultado político concreto (Paxton 2007). Vieira de Alencar cumpriu muito bem esse papel no período aqui analisado, haja vista a suma obediência às suas ordens em diversas ocasiões em que os jovens estiveram a um passo da radicalização.

Alencar, depois de explicar detalhadamente as implicações da Lei para a Província, tentou apagar o fogo ateadado por Lacerda na matéria de abertura do jornal:

Devemos agradecer ao governo, a atenção especial que nos dispensou, visando-nos particularmente no art. 47 da lei de segurança. Isso é a melhor demonstração força e eficiência. É o reconhecimento de nosso poder. Tranquilisem-se, pois, os integralistas do Paraná. Nosso movimento está amparado pela própria lei de segurança. Nenhuma força poderá detel-o. Para a frente, sempre para a frente! (A Razão, 1 mai. 1935, 6).

As admoestações de Vieira de Alencar não surtiram muito efeito. Lacerda insistiu no tema em outros discursos verbais e textuais, demonstrando sua linha de combate menos condescendente com o *status quo*. Com efeito, essa foi a uma das características principais do periódico: longe de se calar diante das arbitrariedades praticadas contra a AIB, o *A Razão* se posicionou como porta-voz da revolta dos integralistas contra delegados, prefeitos e governadores de Estado (especialmente contra o governador de Santa Catarina, Nereu Ramos)¹³. Quando a censura pesou sobre o jornal em fins de 1935, Rocha Loures e Lacerda fecharam suas portas, antes que fossem fechadas. De qualquer forma, o *A Razão* nos permite acompanhar a trajetória da AIB naquele ano (entre maio e novembro), seus avanços, percalços, o cotidiano do Movimento e, sobretudo, a ideologia integralista que se queria semear entre os militantes paranaenses.

A ideologia integralista no A Razão

O *A Razão* começou sua história recebendo comentários significativos de outros periódicos, a maioria deles com expressa positividade: *Gazeta do Povo* e *O Dia* (Curitiba), *Diário dos*

¹³ Os integralistas do Paraná acompanhavam de perto as atividades da AIB em Santa Catarina, de forma que o *A Razão* trouxe em quase todos os seus números informações sobre o movimento nos principais municípios do estado. Quando a repressão recaiu sobre os camisas-verdes catarinenses, o jornal paranaense tomou suas dores e Jorge Lacerda lançou diversos ataques contra Nereu Ramos (o homem que morreria ao seu lado num acidente de avião, em 1958).

Campos (Ponta Grossa), *Der Kompass* (jornal franciscano teuto-brasileiro de Curitiba) e *A Notícia* (de Joinville). Os elogios, em geral, circulavam ao redor do nacionalismo e, sobretudo, do anticomunismo do movimento. No entanto, a despeito das opiniões genéricas de grupos jornalísticos díspares, uma análise qualitativa dos textos do *A Razão* nos mostrará que o periódico ultrapassava esse caldo comum de cultura política nacionalista e conservadora: tratava-se de um jornal de doutrinação e militância fascistas, que expressou com maestria os componentes do fascismo genérico (Athaides, 2014).

Um resumo popular da ideologia que os militantes liam no *A Razão* aparece em um sucinto texto do nº 3, destinado “Ao Operário” e intitulado “O que o integralismo combate”:

1.º - Todos os partidos políticos, que dividem o Brasil em grupos de homens que só querem o interesse do seu partido, esquecendo-se dos interesses da Pátria. 2.º - A grande burguesia gosadora e materialista, despreocupada também dos destinos do Brasil e dos seus direitos. É a grande aliada desses partidos políticos. 3.º - O capitalismo judaico internacional, que escraviza o Brasil por intermédio dos juros dos empréstimos federais, estaduais, e municipais e ainda por intermédio dos dividendos e juros de muitas empresas particulares. A situação do Brasil é tão miserável, que nem pôde saldar sequer os juros de suas dívidas! 4.º O comunismo, que quer o homem sem religião, sem Pátria e sem família. Os integralistas combatem o comunismo, operários brasileiros, porque ele é inimigo da Nação brasileira, da tua família e da tua religião, sejas tu protestante, espírita ou católico. O comunismo chega ao ponto de negar a existência de Deus e pretende destruir aquelas tradições. 5.º Toda espécie de parasitas da Nação e do Trabalho [...] (*A Razão*, 17 mai. 1935, 5).

Além de tais ‘combates’, costumeiros em vários números, o jornal apresentava sessões de doutrinação explícita: textos da tríade doutrinária da AIB (Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso) e artigos de doutrinadores locais (como Jorge Lacerda, Rocha Loures ou de autores anônimos). Além disso, uma seção intitulada *Estudos Integralistas* buscava trazer, em linguagem simples, aspectos cruciais e práticos do futuro Estado Integral, na forma de perguntas e respostas. Sobre a função dos sindicatos, por exemplo, a referida sessão veiculou:

O SYNDICATO é uma das células do organismo nacional e tem, em particular, as mesmas características da Nação: é um órgão de finalidade étnicas, políticas, econômicas e culturais. Como tal, não é apenas uma força posta a serviço de interesses imediatos e uma sociedade civil de resistência na luta social. O sindicato, no Estado Integral, é um órgão de direito público, sob imediata fiscalização e proteção do Estado, o qual – sob o ponto de vista econômico – é a Federação dos sindicatos e das corporações. É através dos sindicatos que se realiza a representação econômica. Na Nação integralizada, não há lugar para os partidos políticos, cuja missão está então finda. Os partidos políticos hoje existentes não são mais do que organizações de caráter econômico, disfarçadas sob um rótulo político. – O INTEGRALISMO É A REALIZAÇÃO DA DEMOCRACIA SOCIAL (*A Razão*, 28 jun. 1935, 5).

Na mesma seção, sobre a questão da luta de classes, em 12 de julho de 1935, podemos ler:

Num Estado em que os trabalhadores têm todas as garantias e todos os meios de defender os seus direitos, a luta de classes é fenômeno mórbido. Ela só se compreende no Estado liberal indiferente às questões sociais. O Integralismo estabelece uma Magistratura especial para as questões do Trabalho. Os juizes devem resolver as pendências dos grupos, assim como hoje resolvem as questões surgidas entre os indivíduos, pois ninguém pôde fazer justiça pelas próprias mãos: a greve e o “lock-out” só se justificam ante a indiferença sistemática do Estado Liberal Democrático (*A Razão*, 12 jul. 1935, 4).

Assim se sucederam em diversos números as perguntas e respostas, sempre apregoando os princípios do Estado corporativo intervencionista e a ineficácia do Estado liberal. A partir do nº 11, o jornal passou a publicar um longo estudo de História, realizado pelo professor Nilo Brandão, à época professor do Ginásio Paranaense, intitulado *O sentido da Revolução Integralista*. No dito estudo, Brandão fez um resgate histórico percorrendo da Antiguidade Clássica ao Integralismo, com a finalidade de demonstrar o lugar do movimento de Plínio Salgado no devir humano. Na realidade, os textos são um amontoado de deturpações e anacronismos, em que Nilo Brandão contrapõe, por exemplo, um Platão e um Licurgo comunistas a um Aristóteles inspirador do Estado fascista e harmonizador das diferenças sociais. Platão inspirou “Rousseau e o seu bucolismo ingênuo”, o “regresso ao individualismo radical” que “negava a utilidade da organização social e condenava a civilização”:

Nada vale pra êle o ter o homem evoluído do escuro abrigo das cavernas e das cabanas formadas de folhagens, para os palacios de hoje e para a magnificencias e esplendores da sociedade atual. Que de penas e aflições, que de trabalho e de sofrimentos empregaram os nossos antepassados para nos legar tão brilhante civilização. E Rousseau queria voltar ao primitivismo! (A Razão, 12 jul. 1935, 5).

As adaptações do passado à luz do ‘fórceps’ do Integralismo são a marca de toda a série de artigos de Brandão. Até mesmo para o renomado educador, a “lógica da ideia” (Arendt, 1989) integralista era inescapável, na medida em que reformulou o passado num festival de anacronismos¹⁴. Com efeito, Brandão procurou o comunismo em todas as etapas da história: transformou estóicos em “comunistas, anarquistas e internacionalistas” numa Roma invadida pelo “sonho social comunista” e encontrou um Tomás de Aquino ferrenho combatente do credo vermelho.

Ao observarmos o jornal como um todo, percebemos que as ênfases em um ou outro aspecto da doutrina variaram ao longo da sua história, reflexo das transformações ocorridas no plano nacional, estadual (sobretudo no aspecto político) e na própria trajetória da AIB. Antes do fechamento da ANL, a inimiga imediata do movimento verde, há uma constante preocupação em atacar o comunismo, enquanto ideologia ou a própria ANL, tida como o representante imediata de Stálin. Prevalecem nesse período os textos antimaterialistas, que ressaltam a necessidade do homem abandonar as ‘ideologias do estômago’ e se entregar ao primado do espírito. A partir de julho de 1935, data do fechamento da ANL, paulatinamente o comunismo deixa o centro dos textos

¹⁴ Em Esparta, conforme Nilo Brandão, “Licurgo [...] transformou [...] completamente, a ordem económica, estabelecendo o regime comunista em bases sólidas”. Depois de encaixar o regime do líder espartano no seu modelo de comunismo, o professor explicou o seu insucesso: “Sem interesses próprios a defender, os espartanos perderam o incentivo. Não lograram atingir a felicidade almejada. A coexistência social tornou patente a desigualdade que lá no fundo de cada um já existia em potência”; o resultado foi o despertar espartano para “a cubiça”, então, “rompeu-se o equilibrio com sanguinosas lutas intestinas, dando lugar a desigualdades ainda mais violentas do que antes”. Por fim, “desmoranou se [...] toda a Grécia, infeccionada pela moléstia oriunda de Esparta e que se havia propagado por todo o país” (A Razão, 15 ago. 1935, 4).

doutrinários. Os inimigos diretos agora, interpostos na representação do materialismo, são os maçons e os judeus. Por fim, os últimos números do *A Razão*, representam sua fase agonizante: apresentam muito mais o combate momentâneo das forças políticas estaduais, frequentemente chamadas de “liberalóides”, contra os camisas-verdes. Vejamos agora, em mais detalhes, alguns textos e características dos principais componentes ideológicos integralistas apresentados pelo *A Razão*.

O Antimaterialismo: Anticomunismo e Antiliberalismo

No silencio soturno das noites brasileiras; noites negras, de angustias e anseios crueis, sempre quando retorno á casa para repousar, acompanham-me duas figuras, que, lado a lado, andam commigo... [...] Uma das sombras, a mais velha e alquebrada, chamo-a: liberal-democracia! [...] vejo a segunda sombra, a mais jovem, contaminada pelos vícios e instinctos hediondos, Intitulo-a: comunismo! Sinto-a tambem – como a outra, como o seu fructo – tão pequenina e misera, diante dos olhos, e fastada das superiores finalidades humanas! (*A Razão*, 5 ago. 1935, 2).

Invariavelmente, as matérias anticomunistas do *A Razão* trazem a crítica superior ao materialismo, colocando liberalismo e comunismo num mesmo plano. Poucas ou de tamanho reduzido são as matérias somente antiliberais. De acordo com Araújo (1988), liberalismo e comunismo eram, na concepção pliniana, frutos do apego ao materialismo e da ausência de elevação de espírito e moral. “A REVOLUÇÃO Integralista”, dizia o jornal em nota chamativa de topo de página, “é a Revolução do Espirito contra a Revolução da Materia, manejada pelo comunismo judaico sem alma” (*A Razão*, 28 jun. 1935, 6).

O comunismo era, portanto, a “última phase” do “estado materialista”, derivação do liberalismo desenfreado: o Estado de tipo soviético seria último grande capitalista (*A Razão*, 10 mai. 1935, p. 2). Em outras palavras “A marcha do Capital, dentro das prerrogativas que lhe concedeu o Estado Liberal, modelou o estado bolchevista – o supercapitalismo”, segundo o militante paranaense Oscar Witt (*A Razão*, 15 ago. 1935, 4).

Provavelmente pelas ruas, cafés ou mesmo ‘infiltrados’ em reuniões da ANL (fato comum de ambos os lados quando as reuniões eram abertas), os integralistas de Curitiba ouviram a máxima: “Deus, Patria e Familia, já os possuiis, o que necessitaes é de pão e trabalho”. Ao retrucar, por meio de um artigo no *A Razão*, o autor anônimo afirmou:

Óra, que colossal absurdo! Justamente o contrario, pão e trabalho existem em abundancia por toda a parte, e si não os tendes, ide pedir contas áquelles que vós repudiaram, porque acima de todos os bens humanos, collocaram o “estomago”. É o estado materialista do século, cujos efeitos aterradores vindes sentindo, e do qual sabeis qual a última phase: o COMUNISMO! [...] Pão e trabalho há-os para todos. O que se torna preciso é que os communistas e liberaes democratas elevem o seu espirito a um plano superior, onde a vida se mistura com a eternidade [...] (*A Razão*, 10 mai. 1935, 2).

Essa explicação do comunismo inserida na crítica materialista é mais elaborada, adentrando ao nível da doutrina pliniana (que, obviamente, só faz sentido em seus termos). Contudo, o grosso

do anticomunismo no *A Razão* é o de tipo “primário”, como o adjetivou Héglio Trindade (1979), composto por imagens detratoras, desprovidas propositadamente de qualquer suporte empírico.

A crítica antiliberal integralista no *A Razão*, por sua vez, encontra um pouco mais sua razão de ser fora do universo lógico do ódio integralista, muito presente no anticomunismo primário. Em muitos excertos, essa crítica ao liberalismo se assemelha à própria crítica da esquerda marxista, porém o divisor axiomático entre elas é, sem dúvida, o combate paranoico do Integralismo ao materialismo.

O Liberalismo foi invariavelmente apontado como um sistema falido em sua própria origem, inadaptável à sociedade tupiniquim e a causa dos males nacionais. Problemas econômicos como a desvalorização da moeda nacional aparecem frequentemente após a interrogativa: “Para onde nos levas oh miserável Liberal Democracia?” (*A Razão*, 31 mai. 1935, 3).

Na visão integralista, isso era uma “insofismável verdade brasileira”. Essa assertiva figurou num interessante artigo do nº 5, intitulado “Bifurcação”. Nele, o autor não teve medo de posicionar a AIB entre as categorizações esquerda e direita (até porque o Movimento combatia também a direita liberal tradicional, estando ele ‘à direita da direita’). Segundo o artigo, em virtude da impossibilidade de

continuação desse regime falido [...] a bifurcação se nos apresenta inexorável, exigindo de cada um de nós um raciocínio e um desprendimento capaz, ao enveredarmos para a Direita, com DEUS, PATRIA E FAMILIA, ou para a Esquerda com TERROR, VIOLENCIA E MATERIALISMO (*A Razão*, 31 mai. 1935, 2).

Um redator anônimo ficou furioso quando o deputado estadual Frederico Faria de Oliveira (do PSD) alocou Integralismo e ANL no mesmo patamar, “metidos” em uma “porfia”: “[...] nada disso corresponde ao genio do povo brasileiro, naturalmente liberal”, apontou Oliveira (*A Razão*, 22 jun. 1935, p. 1). O *A Razão* retrucou:

Os Integralistas não querem mal ao sr. Frederico Faria de Oliveira, que vive a namorar a Doutrina do Sigma. Pena é que elle se casou há tanto tempo com essa velha rabugenta que se chama liberal-democracia. Tanto é assim, que o sr. Frederico tem dito que está de acôrdo com a doutrina integralista menos no que diz respeito ao combate á inefável liberal-democracia, de coração tão branco... Coisas interessantes! A essência desse “regime ideal” é fugir da logica e jogar os pobres mortaes para o inferno das confusões. E no entanto, o sr. Frederico já chegou a escrever que a philosophia integralista apresenta aspectos muitos frageis [...]. O liberal-democrata faz questão de ignorar o pensamento philophico ou o reino dos fins. Gosta de viver por conta do atôa (*A Razão*, 22 jun. 1935, 1).

Segundo Arendt, a ideologia se constitui totalitariamente em virtude de três elementos: 1) explicação total da história corrente: passado, presente e previsão infalível do futuro (como vimos em Nilo Brandão); 2) emancipação em relação à realidade e à experiência, na defesa de uma “realidade ‘mais verdadeira’”; 3) método coerente, portanto, inexistente na realidade, de demonstração dos fatos a partir de um axioma: aversão a toda e qualquer contradição (1989, p. 522-524). Esse último ponto está expresso de forma muito clara na crítica ao liberalismo: “A

essência desse ‘regime ideal’ é fugir da logica e jogar os pobres mortaes para o inferno das confusões” (A Razão, 22 jun. 1935, 1)¹⁵.

Contrariando a ideia da “índole liberal” do povo brasileiro, proposta por Frederico Faria, o redator sobrepôs a da “índole belicosa”, já que a “essência [do] demoliberalismo é a covardia”, que, em sua opinião:

Tem mêdo da luta. Arrepiam-se quando se lhe depara um pouco de tragedia, que é o fundamento das grandes vidas. Mas o povo brasileiro, estão todos elles muito enganados, sempre gostou dos “encontros”, quando gritasse o seu profundo sentimento de honra (A Razão, 22 jun. 1935, 1).¹⁶

Em outro excerto, o militante Oscar Witt refletiu sobre os avanços do mundo materialista no pós-Revolução Industrial. Nele, figura claramente a crítica marxista ao Estado Liberal e a apropriação dos meios de produção. Contudo, a resposta para o problema do capital era obviamente outra:

A machina, que deveria trazer o conforto ao seio dos homens, sufocou-lhes apenas o espirito e acordou-lhes o instinto. Hoje o mundo é transformado num imenso teatro, onde a massa inteira encena um drama torpe e avassalador [...] No Estado liberal o individuo subtrahiu a machina ao controle do Estado e, acumulando a renda do seu produto, realizou o *Capital*. Esta, com o decorrer do tempo, tornou-se uma enorme força economica á serviço do individuo, pela qual declarou guerra á força social e legislativa do Estado e venceu-a, tornado o estado, pusilanime e fraco. Era a primeira conquista do capital porém o seu poder absorvente não terminou ahi: vae além a sua ignominia, pesando sobre a cabeça dos povos. Veem os trusts, os carteis, os açambarcamentos, os monopolios e cada vez mais aumenta a força do Capital (A Razão, 15 ago. 1935, 4).

Nesse ponto, o autor fez uma proposital pausa, para não ser confundido com o comunismo e esclareceu:

Necessito [...] fazer um parentheses [sic], e lembrar, antes de prosseguir, que em absoluto não me manifesto contra o capital nas mãos de individuos, uma vez que sob o controle justo e preciso do Estado. Elle é mesmo uma necessidade decorrente da vida econômica (A Razão, 15 ago. 1935, 4).

Depois de apresentar a teoria do comunismo como o “supercapitalismo”, Witt, aproximando-se de Lenin, postulou que o Capital gerou um inimigo muito mais avassalador que o comunismo: o “imperialismo”, ou “capitalismo internacional”, cuja finalidade seria “sorvêr todas as industrias e produções [...] do mundo inteiro”. O pior dos futuros possíveis não seria, portanto, o mundo comunista, mas, antes, a situação de termos “num mesmo ponto do mundo [...] um só

¹⁵ Essa reflexão nos permite pensar inclusive o nome do periódico: “*A Razão*”. Além de uma homenagem ao primeiro jornal proto-integralista de Salgado, o sentido atribuído a essa **razão** é o de **lógica**: a lógica interna e inescapável de uma ideia, que uma vez posta em funcionamento se assemelha a um labirinto sem portas, cujas possibilidades são predeterminadas pelo seu construtor.

¹⁶ Os “encontros”, obviamente, não significavam debates na arena política, mas sim guerras: “Encontros no drama da conquista. Encontros na reação nativista. Encontros nas guerras dos judeus-holandeses, ingleses, franceses. Encontros na Guerra de Independência. Encontros em Montevideu e Buenos Aires. Encontros no Paraguay que cimentou para sempre a integridade da Patria. Encontros nas mashorcas da Republica, mediante as quaes um povo fazia ecoar os seus gemidos. Encontros, nos dias tremendos que estamos vivendo, contra o capitalismo judaico-internacional, aliado do communismo sovietico, que se disfarça em aliança Nacional Libertadora, para tramar contra a Patria Brasileira, com o paio expresso ou tácito de burgueses, que afogaremos no nosso sangue que se derramará num drama formidavel, pela conquista da nossa plena emancipação” (A Razão, 22 jun. 1935, 1).

órgão que absorvesse toda a economia, todas as rendas e produções dos homens sobre a terra”; isso “marcaria [...] a ultima phase do capitalismo” quando “os homens seriam todos transformados em automatós fantoches” (A Razão, 15 ago. 1935, 4).

Os múltiplos nacionalismos

Uma curiosa matéria, intitulada “Inacreditável”, no número 2 do *A Razão*, chama-nos a atenção por envolver um ilustre historiador do século XX. Os redatores do jornal se mostraram indignados pela contratação de um professor francês para ministrar aulas de História do Brasil na Universidade de São Paulo: Fernand Paul Achille Braudel. A reboque, o autor do texto comentou a chegada de um “americano-judeu” (Horácio Davis) para “ensinar *Bolcheviquismo*”, no curso de Sociologia da USP; a matéria conclui:

Ah! Povo desgraçado e decadente, quando buscarás em tuas próprias energias o remédio que te fará forte e sadio [...]. Mas, si vem um sabio estrangeiro falar em francês de nossa história passada; um homem, ou melhor um super-homem, um caboclo gritou na amplidão da mataria brasileira, o esplendor da nossa historia futura (A Razão, 10 mai. 1935, 4).

A princípio, para os integralistas, o problema não era o fato de Braudel ser francês, a questão era: sendo ele francês, como ensinaria História do Brasil?

Esse nacionalismo exclusivista (do tipo ‘o Brasil para os brasileiros’) está amplamente presente no discurso do jornal, mas, se ramifica em três facetas: (1) lírica/telúrica ou de exaltação e afirmação das raízes e valores nacionais, cujos expoentes são Antonio Alceu de Araújo e Jorge Lacerda; (2) econômica, em combate ao dito “liberalismo usurpador”; e (3) econômica/antissemita, em combate ao dito “judeu usurpador”¹⁷.

É patente que a AIB rechaçava qualquer adjetivação ou tripartição desse tipo em seu nacionalismo. Ainda assim, a divisão é válida, na medida em que tais facetas aparecem claramente delimitadas nos textos – não raramente sobrepostas. O primeiro tipo de nacionalismo, “a fantasmagoria autonomística” cultural, nos termos de Gilberto Vasconcellos (1979), aparece no *A Razão*, inicialmente, sob sua forma primordial: como fruto das reflexões de Plínio Salgado sobre a geografia nacional e a ambivalência, nela presente, entre sertão e litoral. Em artigo do historiador e jornalista curitibano, Ernani Silva Bruno¹⁸, o litoral aparece como um ambiente passivo e violado pelo estrangeirismo, amorfo e

dissolvido na configuração geral dos aspectos exteriores da civilização. Talves pretendendo, no equivoco da sua posição passiva, se tornar universal pela abstração da propria personalidade, num universalismo theorico e artificial, sem raizes nas realidades cósmicas. Permanecendo como trecho de humanidade indefinido. Nem estabilidade moral tem (A Razão, 24 mai. 1935, 4).

¹⁷ Esse último tipo de nacionalismo combativo será trabalho no subitem que trata do antisemitismo.

¹⁸ Silva Bruno era colaborador do periódico nacional integralista *A Offensiva* e trabalhava no Departamento de Estudos da Província Integralista de São Paulo.

A epígrafe do texto de Silva Bruno, retirada do livro de Plínio Salgado *O Estrangeiro*, informa-nos o sentido do seu nacionalismo: “e apesar de todas as luzes de uma civilização cosmopolita, o Boitatá accende o seu fogo no sertão...”. Esse sertão foi descrito como um impenetrável lugar, que modelou “suas formulas sociaes á margem da cultura importada do estrangeiro”:

Esse sim. É a das populações que não sentem nada dessas influencias do nivelamento internacional. Das populações que evoluíram muito expontaneamente, com simplicidade e humanidade, bebendo na Terra todos os seus elementos de formação e desenvolvimento. Das populações das villas, dos arreiaes, das fazendas, dos sitios, do matto, nos seus clans primitivos [...] (A Razão, 24 mai. 1935, 4).

O dilema das duas civilizações convivendo, impenetráveis e opostas, era fulcral para o autor. Sua não resolução figurava como um problema para os integralistas, em virtude do tipo específico de nacionalismo pregado pelo movimento: um ‘monstro totalitário’, penetrante em todas as esferas da estrutura social travestido de adaptação às peculiaridades nacionais:

Nacionalismo para nós, é todo um programma de reajustamento da nossa estrutura social em face de nossas realidades mesológicas, e de reajustamento da nossa estrutura política em face de nossas realidades sociaes. É todo o processo de criação de uma civilização brasileira no duro mesmo. De uma cultura brasileira. De um pensamento brasileiro. De uma arte brasileira. De uma literatura brasileira, De não sei o que mais, brasileiro. É todo um processo de compreensão entre o littoral e os sertões, entre a luz electrica e o fogo do Boitatá. É principalmente o processo pelo qual as realidades profundas da Terra e da Gente, na sua parte característica, inspiram e condicionam as nossas formulas politicas e juridicas. É preciso não ter medo de ficar diferente dos “povos civilizados” (A Razão, 24 mai. 1935, 4).

A conclusão de Silva Bruno é a completa inadaptabilidade dos modelos políticos advindos da Ilustração para as formações social e geográfica específicas do Brasil: a ineficiência do voto universal, em virtude da formação de parentelas submetidas ao coronelismo (chamadas pelo autor de “clãs”), é uma decorrência dessa inadequação estrutural. Daí, a formação histórica das formas bizarras da política democrática no Brasil.

O suffragio universal promiscuo, das democracias de typo liberal como a nossa, póde ter sido adaptavel a povos de formação economica estavel e equilibrada, de formação social particularista, de formação cultural homogenea. Ora, em nosso paiz, devido a contingencias de colonização, de meio physico, etc., se fundou o latifúndio e as populações ruraes se nuclearam em clans. Essa estrutura social não supporta uma applicação legitima do voto universal e do liberalismo. O suffragio fica falseado, os partidos e as instituições se deformam e perdem se significado. E apparecem, por cima de tudo, o personalismo e o caudilhismo, como marcas de realidade varando o corpo débil das theorias. Portanto, nacionalismo tal como o entende o integralismo, é consciencia de realidades nacionaes, e influxo dessa consciencia sobre a vida politica e a civilização geral do paiz (A Razão, 24 mai. 1935, 4).

O nacionalismo de tipo econômico figura de múltiplas e curiosas formas no *A Razão*. Uma das mais peculiares é o anúncio das marcas de farinha que usam “trigo nacional” – recorrente em todos os números: “Integralistas! Dolores, Sara e Delia, são marcas de farinhas que contêm TRIGO NACIONAL. Deveis preferil-as ás de qualquer outra marca” (A Razão, 1 mai., 1935, 3).

Tal viés do nacionalismo se apresenta de forma mais agressiva, como postula Trindade (1979), e expõe claramente as características do que Vasconcellos (1979) chama de “fantasmagoria

autonomística” econômica, além da utopia da moralização e desmaterialização das relações econômicas.

O Integralismo não pretende, como estes [comunistas e anarquistas], em nome da questão econômica, criar o homem TERMITA, o homem gregário, que vive só em função do estomago. Não confunde Pátria Explorada com capitalismo explorador, que tem nas mãos o poder de centralizar toda a produção do orbe, transformando o trabalho em mercadoria. O Integralismo quer e pode emancipar a Pátria dos tentáculos desse polvo de Londres e Wall Street, chamando para o Estado Corporativo o controle, o poder centralizador e harmonico que deve presidir as relações de trabalho e produção, fazendo do primeiro o sujeito do segundo, sem destruir a iniciativa individual, que já não é nociva desde que se coloca debaixo dos interesses superiores da nação (A Razão, 24 mai. 1935, 2).

A agressividade contra o dito ‘estrangeiro usurpador’ aparece em vários números, mas, tomou contornos enérgicos mediante uma reportagem publicada no jornal britânico *Financial News*. O texto escandalizou o redator do *A Razão*, que em tons xenófobos escreveu um artigo intitulado “O Brasil Mandado Por Extrangeiros!”:

Depois de se dizer amigo do Brasil, mette o seu rubicundo nariz britannico nas nossas cousas, dizendo, com a maior naturalidade deste mundo, o seguinte: “Para melhorar a administração do Brasil só ha, na minha opinião, um meio: reorganização total dos negocios governamentais. Essa reorganização *não pode ser efectuada, no começo, pelos proprios brasileiros*. Como latinos, os brasileiros são extremamente inteligentes e logicos, mas falta-lhes o conhecimento e a experiencia de um bom governo. [...] Semelhante operação *só pode ser executada por estrangeiros* que tenham adquirido no decurso dos séculos um nível administrativo mais elevado do que o dos brasileiros. [...] Oh Brasileiros que ainda tendes brio e dignidade! Lêde mais uma vez, o que acabastes de lêr! Parece mentira! Ainda somos considerados incompetentes e inexperientes para dirigir a nossa propria casa! Os Inglezes se riem de nós! Elles têm razão... A miseravel Liberal Democracia não tem gente para governar o Paiz! Mas esperem! Quando em breve o Integralismo tomar conta do poder, a Inglaterra verá, si temos ou não temos brasileiros para dirigir e governar o Brasil! Não é preciso esperar muito tempo! (A Razão, 24 mai. 1935, 2).

Em geral, o nacionalismo se manifestou no *A Razão* de maneira reativa: sempre em oposição a um ente usurpador e/ou interveniente. Quer na cultura e costumes, quer na economia, o problema brasileiro era o da não-identidade, mediante a interferência de algum agente/ideologia internacionalista. Essa militância se torna mais direcionada, quando o antissemitismo se escancara no jornal, como veremos mais adiante.

A identificação com os fascismos

Embora recusassem, com certa justeza, serem chamados de servos de Berlim ou Roma, no *A Razão* os integralistas manifestaram empolgação com o avanço dos fascismos ao redor do mundo. Ao mesmo tempo em que Salgado tentava demarcar a distância por meio de alguns artigos¹⁹, para os jornalistas do movimento, não havia muitos problemas em se empregar o termo

¹⁹ Às vezes Salgado tropeçava no seu próprio ardid, quando tentava explicar as diferenças entre Fascismo, Nazismo e Integralismo. Em entrevista publicada no nº 13 do *A Razão*, o Chefe Nacional frisou: “o Integralismo é completamente diferente do Fascismo e do Hitlerismo, porque a nossa missão é muito maior. Na Itália e na Alemanha existia

“fascismo” para se referir à AIB. Em artigo denominado “Tres Estados”, o *A Razão* sintetizou em três correntes filosóficas o panorama ideológico mundial, indicando, ao final o tipo de Estado ao qual se identificava:

Essas três correntes são: a *individualista*, que originou o Estado Liberal; a dos interesses *raciais-judaicos*, que fez nascer o Estado Bolchevista; e a ultima, a unica que póde restabelecer a paz e a concordia no seio dos homens, possui o *sentido heroico*, do amor ao proximo, da honra e do dever, e deu origem ao Estado Collectivista ou Fascista (A Razão, 12 jul. 1935, 3).

Em seguida, o autor teceu algumas considerações sobre os três tipos de Estado, respectivamente; no entanto, no momento de aludir ao Estado Fascista, o denominou sem hesitar de “*Estado Integral*” (A Razão, 12 jul. 1935, 3).

Claramente, os jornalistas militantes se sentiam integrantes de uma mesma linhagem de movimentos políticos e não temiam ventilar publicamente esse fato em diversos números do periódico:

Duas correntes estão se transformando na forja da dor e da miséria que atormentam as raças. As formas da liberal-democracia são incompletas e doentias para o espirito humano que aspira a liberdade. E duas formas antagonicas se apresentam diante do sentimento humano: - Ou Roma, ou Moscou! A humanidade está afflicta diante desse dilemma: - Ou o fascismo, ou o bolchevismo russo. Com este, cavarão a sua propria ruina. Com aquelle, a gloria e a vida das nações civilizadas (A Razão, 5 jul. 1935, 2).

Até mesmo os pouco conhecidos fascistas holandeses, seguidores de Anton Adriaan Mussert, foram lembrados pelo jornal positivamente.

Hu Zee! A saudação dos fascistas da Hollanda

O movimento nacionalista vem surgindo em todos os países do mundo. A hollanda tambem se levantou á voz de Mussert, o grande chefe do Partido Nacional Socialista dos Paizes Baixos. Nas ultimas eleições, obtiveram 20% dos votos, o que constitue uma victoria. Lá os nacionalistas não podem usar seu uniforme na rua. A sua saudação consiste em levantar o braço, exclamando *Hu Zee! Hu Zee* é a antiga exclamação de estímulo e de incitamento dos marinheiros holandeses: - *Hu Zee! – Aguenta o mar*. Inspiraram-se nas suas tradições, assim como nós integralistas, que arrancamos a nossa saudação, do grito barbaro do glorioso indígena da terra selvagem do Brasil (A Razão, 5 jul. 1935, 2).

Neste excerto o pertencimento fascista é aberto e positivo. O redator chega a reconhecer que os diferentes fascismos se originam de um tronco comum e que se apropriam das especificidades culturais locais para criar sua simbologia e ritualística.

O moralismo cristão

O discurso moralista figurou no *A Razão*, amiúde, sob três formas: (1) em artigos e notícias do cotidiano de Curitiba, (2) em comentários contra a imoralidade praticada em outros países (obviamente, todos sob o regime liberal democrático ou comunista) e (3) em comentários sobre

anteriormente o ‘espirito nacional consciente’, existia uma Nação. No Brasil nada disso existia” (A Razão, 30 jul. 1935, 3). Em outras palavras, Plínio afirmou que o trabalho fascista seria o mesmo, porém, no Brasil teria uma proporção maior.

livros que pregavam práticas consideradas imorais. As principais práticas pecaminosas, com efeito, eram o sexo das ruas, as jogatinas e o alcoolismo.

Jorge Lacerda se enfureceu quando em Curitiba foi aberto um cabaré batizado de “Brasil”; na própria edição inaugural do periódico, o fato foi alvo da crítica moralista, combinada com o ufanismo, guardião dos símbolos nacionais:

Não é novidade para ninguém que sabe lêr e escrever que o Brasil está mais do que desmoralizado no estrangeiro. Mas, o que poucos percebem, é que ele está também sendo desmoralizado aqui dentro... Compreende-se... O regimen permite que em Curityba haja um cabaret com o nome de Brasil. A Liberal Democracia acha que o Brasil é um nome commum... Mas nós integralistas achamos que Brasil, é um nome proprio, é o nome de uma grande nação, é o nome da nossa Patria e não o nome de um cabaret! (A Razão, 1 mai. 1935, 3).

O acadêmico Aldo Silva, no nº 3, teceu as mais ácidas críticas à ‘velha geração’, entretanto, lembrou-se de que a nova também foi criada “no vicio e sem a menor noção de que o tempo passa e que a Patria dela dependera”. O pessimismo de Silva, em certa medida, se contradiz aos devaneios positivos de Lacerda sobre a “nova geração que se levantaria”, moralizada e pura:

[...] Ninguem se lembra que o produto desta falta de moral e de vergonha, há de ser muito peior. Que os moços de hoje, vendo os velhos, os experientes, encurvados, febris sobre o panno verde ou em orgias tremendas; vendo a destruição da harmonia do lar; vendo até respeitaveis senhoras nas mesas de jogo, escutando anciosas, o barulho das fichas, seguem-lhes o exemplo e com todo o ardor da mocidade, nessa imitação do mal, dão tudo que tem de vida e de energia. Quem são os responsaveis pela imoralidade atual e maior depravação futura? São os homens de ontem e de hoje, principalmente estes que crearam os cabarets officiaes e casas de tavolagem, esses antros de perdição e de libertinagem [...] (A Razão, 17 mai. 1935, 5).

Na matéria “Holywood”, o autor anônimo definiu a cidade do cinema como “um ponto negro que assignala uma fatalidade para aquelle povo” e prosseguiu:

Hollywood – a cidade dos risos hypocritas e dos beijos sexuais; dos sonhos, das desilusões e das fantasias, de cerebros mesquinhos. A cidade que ensina ao mundo como se profanam os lares e como se praticam actos de banditismo. Holywood é a miragem do deserto, que ascena ao longe, mas que desaparece quando se pensa tel-a nas mãos; é a luz inebriante que attrahe os insectos, para depois queimal-os e destruíl-os [...]. A arte, essa grande criação do espirito humano, foi por ella reduzida a um simples mostruario de pernas feminis e contorno sexuais [...] (A Razão, 23 jul. 1935, 4).

Em outro texto, o vice de Vieira de Alencar, Valle Sobrinho, censurou os “cinemas vehiculares das abjeções materialistas, das atitudes immoraeas e das concepções provocadoras dos baixos instinctos, sob a aparência de arte” (A Razão, 23 jul. 1935, 6). Na realidade, para o autor, o problema da falta de moral residia nas “concepções materialistas da vida”, que eram “em todas as suas modalidades, expressões”

ejaculadas em conferencias publicas e prelecções didacticas, sob falsos pretextos de “educação sexual, combate a moléstias venereas, artes plásticas, nós estheticos, etc.,” mas com o exclusivo objectivo de excitar a animalidade nos moços, ou lhes empanar o brilho da espiritualidade [...] (A Razão, 23 jul. 1935, 6).

Quanto ao terceiro tipo de publicação moralista (o combate a textos que defendiam posturas consideradas anticristãs), o exemplo mais elucidativo é o comentário do militante Eloi da

Cunha Costa contra o livro “Problemas de Nosso Tempo”, do jurista Hermes Lima, publicado em 1935. O defeito maior da obra, para Costa, era o capítulo que versava sobre o divórcio, no qual o autor “revela-se um divorcista de mão cheia”. Na verdade, Costa propôs – à luz das transformações sociais, culturais e econômicas – que o artigo 144 da Constituição fosse alterado, de forma a permitir aos contraentes de núpcias que optassem pelo tipo de regime matrimonial – algo análogo ao sistema que vigora atualmente.

É falso pretender provar que a indissolubilidade do matrimônio é incompatível com as novas condições de vida, e que essa crise familiar inclusive o decréscimo da natalidade é oriunda da atual organização familiar. O mal não é da atual organização, mas daquilo que o sr. H. Lima chamou “deslocamento do centro de gravidade da vida familiar”, sendo este originado pelas atrações da vida urbana, cinemas-teatros (e que eu denominaria atrações judaicas), a facilidade e abundância de transportes, a industrialização das comodidades e dos alimentos, em síntese o senso materialista da vida. Aqui reside a causa desta crise familiar, e ela está em função deste senso materialista de vida. Espiritualisemos os homens e teremos resolvido a questão, tenhamos uma nova concepção de vida e veremos o aumento da natalidade (A Razão, 8 nov. 1935, 2).

Mais uma vez, e seguindo a máxima fascista, o materialismo – por vezes, judaico – é o grande culpado dos males do mundo moderno. O militante, inclusive, aponta os resultados práticos da introjeção do materialismo na legislação matrimonial: na França, onde já vigorava sistema semelhante, o resultado social foi “a polygamia” e a “promiscuidade” (A Razão, 8 nov. 1935, 2).

A nova geração e “o velho”

Outra temática constante nos discursos do *A Razão* é o combate ao “velho”, aos “carcomidos” caracteres e sujeitos que se apegavam às tradições, aos séculos passados, sobretudo, ao século XVIII e seu corolário político, o XIX. Vários artigos abordam a luta entre as gerações, ao mesmo tempo em que colocam os camisas-verdes como instrumentos de uma “marcha inevitável” da nova geração: uma mocidade a quem “unicamente pertence, este século” (A Razão, 24 mai. 1935, 3); eles seriam os representantes da única geração que ouviu, teleologicamente, “o conscio grito que partiu da Eternidade [...]” um “grito do novo século, para realizar a grande revolução da Idéa!” (A Razão, n. 4, 24 mai. 1935, 3).

Num artigo anônimo publicado no nº 1, sobre os “Mestres Que Envelhecem...”, podemos ler:

Há Mestres por este Brasil afóra, que olhando para o futuro, encanta-lhes o século do lampeão e da carreta puxada a bois... Nada de progresso de espirito... E o interessante é que se revoltam contra a Marcha do Seculo. Por isto, é que o Integralismo, que é a doutrina actual e que construirá a grande Civilização do Futuro, é tão combatido por eles... E há Exemplo em todo o Brasil, destes Mestres que nos combatem propagando idéas velhas e empoeiradas. Há muitos, que por dezenas de anos propagam doutrinas, mas até agora não contam com 2 adeptos sequer... O Integralista tem que se tornar interessante, mesmo que elles não queiram, pelo seguinte: Plínio Salgado, um simples caboclo dos sertões de São Paulo, em menos de 3 annos de propaganda de sua doutrina, já conta com 400.000 brasileiros que juraram deante da vida e deante da morte, acompanha-lo na grande lucta... (A Razão, 1 mai. 1935, p. 2).

Jorge Lacerda, diretor do jornal, era um dos mais combativos militantes nessa peleja geracional construída e fomentada pela AIB. Num artigo de capa do nº 3, “A LUCTA DE DUAS GERAÇÕES”, as posições do jovem militante ficam claras:

Estamos assistindo agora no crepúsculo do século XX, o conflito de duas gerações! Uma geração velha e cambaleante tenta lutar ainda num supremo e derradeiro esforço com uma geração moça que já vem despontando victoriosa. É a lucta decisiva entre duas Civilizações! Uma civilização burguesa, materialista, treme deante de uma nova Civilização heroica e formidável que se ergue no hombros dos moços! [...] O Integralismo veiu despertar no Brasil, esta lucta gigante. E as energias moças da Raça que foram despertadas, imprimiram um novo rythmo de vida e aceleraram o choque dessas duas épocas e dessas duas mentalidades. E hoje mesmo, em quanto lares brasileiros vemos paes cheios da velha mentalidade liberal-democrata, discutindo com seus filhos que defendem uma idéa nova, a idéa integralista! Quantos paes communistas ouvem no recesso de seus lares, os anauês empolgantes da mocidade sadia de seus filhos! Camisas-verdes! Nós somos a força barbara da Terra que se levanta! Somos uma Civilização que se desponta! Somos a nova Geração! (A Razão, 17 mai. 1935, 1).

Para Lacerda, a inevitabilidade da luta de gerações suplantava qualquer outro laço social, inclusive o familiar. Um exemplo concreto foi por ele apresentado na sequência do texto citado acima. Em determinada ocasião, na Assembleia Legislativa de São Paulo, o deputado Cirillo Junior retrucava alegações do polêmico deputado integralista João Carlos Fairbanks²⁰ sobre a falência da liberal-democracia. Como era de costume, os militantes encheram as galerias da Assembleia que “estrugiram com o fragor de seus aplausos” (A Razão, 17 mai. 1935, 1):

Porém, no meio das galerias, que prorompiam em estrepitosos anauês, destacava-se o filho do próprio Cirillo Junior que applaudia o deputado integralista. Era a geração nova que se erguia revoltada contra a velha! E no fim da sessão, quando centenas de camisas-verdes foram felicitar o nosso deputado Fairbanks, o filho de Cirillo Junior, não se conteve e abraçou-o exclamando: “METTA O PÁO NO VELHO!”. Nesses pequenos factos, é que percebemos nitidamente a lucta de duas gerações (A Razão, 17 mai. 1935, 1).²¹

Evidentemente, o discurso da ojeriza ao ‘velho’ era muito conveniente num movimento com o perfil geracional do Integralismo. As constatações do estudo pioneiro de Héliqio Trindade mostraram, espantosamente, a juventude dos militantes: o próprio Plínio Salgado era uma exceção “porque tinha ultrapassado os 35 anos” (1979, 145). Stanley Payne, no mesmo sentido, apontou que “a maioria dos membros e mesmo os líderes provinciais e locais [da AIB] tinham menos de trinta anos” (1995, 345).

²⁰ Como os integralistas paranaenses não elegeram nenhum deputado para a constituinte estadual, o *A Razão* apresentou várias peripécias do Deputado paulista. Invariavelmente Fairbanks dava ‘shows’ em sua atuação na Constituinte: sempre de camisa-verde, enchia as galerias com seus pares e discursava sem nenhuma moderação contra liberais e esquerdistas. No seu juramento de posse, afirmou: “Prometo trabalhar pelo bem de São Paulo e, por conseguinte, fazer todo o mal à liberal-democracia” (Dotta, 2010, 392).

²¹ No mesmo sentido, numa série de orientações destinadas aos plinianos que encontravam resistência paterna para o ingresso nas fileiras integralistas, o *A Razão* recomendou: “se afinal o pae pôr ser communista, cerceia a liberdade do filho, pretendendo arrastal-o para o lamaçal do communismo, a dignidade do filho deve insurgir-se contra a baixeza daquele que não era digno de ser seu pae” (A Razão, 23 out. 1935, 4).

O Antissemitismo

Pela leitura sequencial do *A Razão*, tem-se a impressão, até o número 10, de que o antissemitismo não seria um tema visitado com recorrência pelo jornal. Até aquele número, apenas uma matéria se dedicou exclusivamente à detração aos judeus; os textos apresentavam um antissemitismo esporádico, diluído nos textos anticomunistas, antiliberais, ou imerso no antimaterialismo de forma genérica. Seguindo as ideias de Gustavo Barroso e dos “Protocolos dos Sábios de Sião” (livro fraudulento por ele traduzido pioneiramente no Brasil), acreditava-se que por trás de todos os ditos males do mundo ocidental estariam os judeus, agindo de forma oculta e conspirativa.

A partir daquele número do periódico, contudo, as evidências não nos permitiram ignorar os ataques diretos aos judeus e que extravasavam a barreira do “antissemitismo econômico”, como queria Reale, ou da “coincidência” de Salgado²². Da leitura atenta dos números seguintes, tornou-se cada vez mais difícil depreender divisões estanques nas representações do antissemitismo (por exemplo, ‘econômico’, ‘religioso’ e ‘racial’).

No nº 10 foram apresentados trechos ‘amontoados’ e descontextualizados de uma tradução do Talmud, feita por “conhecedores da língua hebraica”, uma demonstração do antissemitismo primário:

Os judeus são o povo predilecto de Deus, os portadores do espirito de Deus, são homens; os pertencentes a outros povos não são chamados homens, mas sim, gado, animaes. Deus nunca está desgostoso com os judeus, mas sim, com os não judeus. A alma de um judeu vale diante do trono de Deus, mais que mil almas dos não judeus. Todos os judeus são filhos de príncipes, reis, imperadores. Quem dá uma bofetada num judeu merece a morte, pois é como se fosse dada a Deus. O dinheiro na mão de um não judeu é considerado dinheiro sem dono; o primeiro judeu que vem, toma-o. Quando um judeu está explorando um não judeu e surge um outro judeu, este segundo judeu fica obrigado a auxiliar o primeiro na exploração, tendo direito a uma gratificação correspondente ao auxilio prestado (*A Razão*, 05 jul. 1935, 6).

Como corolário, o comentário de “João do Sul” (pseudônimo de um ‘tímido’ parnanguara antissemita, que publicava frequentemente no *A Razão*)²³ ganhou contornos políticos:

É o cumulo! Com tal conceito religioso esta gente pretende instalar o communismo no mundo (pois não conheço judeu que não seja communista). Que bello communismo! Lá em cima os judeus como

²² Miguel Reale afirmou nesse sentido: “nós brasileiros devemos nos libertar do jugo do capitalismo financeiro e do agiotarismo internacional, sem que para isso abandonemos os princípios éticos para descambarmos até os preconceitos racistas. A moral não permite que se distinga entre o agiota judeu e o agiota que se diz cristão” (Reale, 1983, 231). Interessante observarmos que subjaz a essa frase a ideia de que no cristianismo integralista a agiotagem e a religião são excludentes. Ou seja, o judeu tem na sua índole o agiotismo. Isso corrobora, em certo sentido, a ideia de Tucci Carneiro, que vê em Reale um racismo travestido de “aparências formais” (2001, 294) – agradeço a indicação destas referências a Odilon Caldeira Netto. Plínio Salgado, por sua vez, sempre tentou abrandar o antissemitismo incrustrado em setores do Movimento mais ligados a Barroso. Em carta aberta, publicada na revista de estudos integralista Panorama, podemos ler, por exemplo: “Quanto ao capitalismo judeu, na realidade ele não existe como tal. O que se dá é apenas uma coincidência; mais de 60% do agiotismo internacional está nas mãos israelitas. Isso não quer dizer que sejam eles responsáveis exclusivos pelas desgraças atuais do mundo” (Salgado apud Trindade, 1979, 242).

²³ Trata-se de uma referência ao pseudônimo de Gustavo Barroso, João do Norte, pelo qual publicou seu primeiro livro, em 1912. (Caldeira Neto, 2014, 138).

principes, condes, duques, reis e imperadores, os nobres da criação, e lá em baixo, a humanidade, uma grande carneirada, as bestas de carga e do trabalho, adorando e venerando os seus amos. É o sonho de Israel!... Tome cuidado, brasileiro, para não te tornares carneiro, animal... (A Razão, 05 jul. 1935, 6).

João do Sul reaparece no nº 11, elaborando associações cada vez mais escabrosas e aumentando o tom da agressividade. Intitulando o governo soviético de “capitalista-judaico-russo”, afirmou que o Estado soviético “permite que os judeus residentes na Rússia tenham suas famílias e que frequentem suas sinagogas”, embora tenha destruído as bases da família e da religião em toda sociedade Russa. O texto prossegue:

Além de milhões de vidas humanas sacrificadas com esta loucura, os templos cristão são convertidos em cinemas, salões de baile, sédes de clubes, etc. Isto tudo está de accordo com o Talmud (a Bíblia judaica) que considera os judeus como povo superior, eleito de Deus, a raça superior, e os demais como um rebanho de carneiros, para os quaes os dez mandamentos de Moysés, não tem aplicação. Brasileiros! O comunismo vem ahi, como Alliança Libertadora, atraz da qual se esconde Israel, para, na hora propria dar o bote e impor as leis talmudicas ao povo brasileiro (A Razão, 12 jul. 1935, 4).

É fato que alguns discursos assinados por João do Sul se parecem mais antijudaicos que antissemitas. Entretanto, às vezes o parnanguara ultrapassava o antijudaísmo e assinava por artigos racistas vindos de pesados jornais antissemitas europeus, como do francês *Libre Parole Populaire*. Em texto dirigido ao problema da “infiltração judaica” nos EUA, o redator começou por enaltecer o “saneamento do [...] povo” que “os alemães iniciaram com coragem”; em seguida, lamentou o fato de que na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, “as medidas de defesa contra as terríveis tentativas de dominio mundial pela raça judaica” ainda eram “fracas”. (A Razão, 30 jul. 1935, 3). Contudo, nos Estados Unidos, o problema se mostrava crítico:

Esse paiz, de immensas riquezas, offereceu á fantasia comercial, infinitas possibilidades. Que bello campo de acção para esta raça atrevida, que sempre está prompta a abandonar sua ultima patria adoptiva e procurar os paizes novos em via de revelação de suas riquezas. Nunca se encontrará entre os pioneiros que recortam novos territorios e trazem á luz as suas riquezas. Eles deixam para os outros povos o árduo trabalho alliado ao sacrificio de vida e bens, que sempre se dão nas novas empresas. Mas, mas apparecem as primeiras riquezas, os judeus, um bando de aves de rapina, sahido dos ghettos europeus voam para estes paizes a procura do lucro fácil (A Razão, 30 jul. 1935, 3).

Os judeus, segundo o texto, esperaram o crescimento das cidades e das riquezas norte-americanas, para aparecerem no país apenas no século XIX (!): “Só agora se observa a vinda dos judeus, sujos, barbados, nojentos, esfarrapados para explorar esse jovem povo confiante em suas forças, ingênuo e hospitaleiro”. Na sequência, por fim, o autor tentou mapear todos os importantes cargos do governo Roosevelt nas mãos dos judeus (A Razão, 30 jul. 1935, 3).

Se João do Sul oscilava entre o antissemitismo e o antijudaísmo. Não é o caso de Raymundo Valle Sobrinho, nº 2 da Província Paranaense da AIB. Em “Tempora Mutantur...”, o texto mais complexo publicado no jornal, carregado de simbologia, Valle Sobrinho profetizou, para um tempo não muito distante, o fim da “absorção do espirito pela materia” e do “desperdicio das energias do homem, nas expansões exageradas da animalidade”. Em seguida, escreveu:

A profecia, para desespero de Israel, se não realizará, ainda, desta vez. Aries lhe não será sacrificado neste século. Mais cem annos de cogitações para o “povo eleito”! Mais vinte, lustros de machinações diabolicas, ou quem sabe? E quem dera!, de sua reconciliação plena com a Humanidade, pois na expressão veemente da terna Clotilde “é índigo dos grandes corações espalharem as perturbações que sentem” (A Razão, 23 jul. 1935, 6).

Na sequência, o ex-Chefe integralista do Maranhão reforçou o primado da evolução irrepitível do curso da história: “A grande massa humana, marcha, sempre, no sentido ascensional”. A repetição do passado é uma falsa impressão gerada por “phenomenos sociais” que, na realidade, promovem “ligeiros recuos ao passado, onde se firma, para haurir forças de quebrar entraves oppostos á sua ascenção e realizar o surto compensador do retardo transitorio e nefasto [...]” (A Razão, 23 jul. 1935, 6). Cada fenômeno de retrocesso corresponderia a “uma phase compensadora, de bonança e de progresso”. Até aqui, o autor viu com positividade os ‘recuos’, pois, tratava-se de eventos necessários ao avanço da humanidade. O grande problema para Valle Sobrinho residia nos fenômenos de retrocesso provocados por judeus:

Falta-lhe o cunho da expontaneidade. É fructo das machinações de uma nação que, sem territorio que lhe caracterise a personalidade juridica internacional, mas, aferrada ás suas tradições de sangue e religião, estabeleceu, ou, melhor, enxertou, no organismo de todos os povos, cellulas que se desenvolveram, atravez dos seculos, dentro do mais rígido exclusivismo e cujos membros são, desde a infancia, norteados, sob a mais rigorosa disciplina, no sentido de se organisarem, politicamente, ahi, mercê da cidadania adquirida pelo nascimento, de maneira a trazer sob seu jugo os incautos hospedeiros e garantir a Israel o império do Mundo, com o governo do Grande Despota (A Razão, 23 jul. 1935, 6).

Esse fenômeno, que ameaça subjugar toda a humanidade, constitui-se num

plano traçado, com indizível má fé, por uma raça, excessivamente mystica e apegada a crença prophetica, cada vez mais viva, de que Jeovah lhe conferirá fatalmente o domínio absoluto sobre todos os povos que, incautos acolheram no seu seio. Só quem seja destituído de olhos de vêr, ouvidos de ouvir e faculdade de raciocinar, se não aperceberá de que o Communismo é obra do judeu, de que as agitações e a confusão reinantes em todos os sectores da terra, são consequentes de seus machiavelicos manejos e que o celebre “olho de Moscow”, nada mais é que o seu proprio olho, que nos espreita em todas as manifestações da nossa actividade [...] (A Razão, 23 jul. 1935, 6).

Foi a primeira vez que surgiu no periódico uma referência à “questão judaica” enquanto raça. Não temos como medir a reação que tal escrito provocou nos leitores do *A Razão*, contudo, sabemos que uma segunda parte de “Tempora Mutantur...”, prometida pelo jornal, nunca foi publicada.

Invariavelmente, tais estardalhaços antisemitas eram suavizados no *A Razão* com a explicação tradicional de Plínio Salgado de que o problema dos judeus no Brasil era “moral e não ethnico” (A Razão, 27 set. 1935, 6). Não obstante, existem poucas razões, além da semântica integralista, para utilizarmos divisões internas do antisemitismo camisa-verde, uma vez que nos textos aqui analisados os elementos se misturam.

Considerações finais

Uma parte significativa da história do Integralismo no Paraná só pôde ser resgatada pela sobrevivência do jornal *A Razão*. Veículo privilegiado de comunicação do movimento local, o jornal narrou a origem e a própria trajetória da AIB, permitindo inúmeras ramificações na pesquisa que originou o presente artigo. Para além dessa trajetória, o jornal de militância se mostrou um fiel difusor da ideologia integralista entre os militantes. A partir de uma análise qualitativa, pudemos apreender os conteúdos ideológicos, com suas ênfases, desaguados na militância local.

Embora boa parte do anticomunismo se apresente em sua forma primária – constatação pioneira de Hélios Trindade (1979) e que se repete aqui – o anticomunismo do jornal é claramente inserido na crítica maior ao materialismo e, portanto, equalizado à crítica ao liberalismo. A origem do mal, para o pensamento integralista, é o materialismo oriundo da Ilustração, na medida em que restringe o homem à sua condição terrena e física, em detrimento dos valores espirituais. Dessa ‘árvore maligna’, brotou o ramo comunista, cujos desdobramentos vão do ateísmo ao Estado como último e único capitalista. O liberalismo, por sua vez, figura como o regime fraco, que prioriza o indivíduo, valor pétreo da Ilustração, e que permite, pela via do culto à liberdade, o surgimento do comunismo.

Embora não concordemos que o nacionalismo se constitui em uma ideologia propriamente dita (Anderson, 1991), como tema ou componente mobilizador as manifestações do nacionalismo fazem parte do arcabouço da cosmogonia integralista. Assim, no *A Razão*, o tema foi explorado nas dimensões clássicas que figuram no pensamento dos líderes integralistas: telúrica e econômica. Esta última, se ramificando no combate ao liberalismo, ou ao “supercapitalismo usurpador”, e ao “capitalismo judaico”.

Outro elemento fulcral para a compreensão da ideologia veiculada pelo jornal é a identidade do movimento integralista no bojo dos demais fascismos da época. O jornal paranaense, seguindo uma linha já presente no jornal nacional *A Offensiva*, nunca escondeu sua simpatia e até mesmo irmanação em relação aos fascismos europeus ou mesmo latino-americanos. Inclusive, ao reproduzir matérias do *A Offensiva*, o *A Razão* trocava termos genéricos como “países corporativos” por “países fascistas”, mostrando maior desinibição quanto à família de movimentos.

Altas doses de moralismo cristão também fazem parte do conjunto de temas explorados pelo jornal. As ditas libertinagens do mundo moderno, praticadas pelos jovens, oriundas do materialismo, são veiculadas pelo jornal e, em nosso entendimento, fazem parte da contribuição católica ao movimento. Os exemplos de transgressão aos princípios morais cristãos vinham, naturalmente, dos países expoentes do liberalismo e do comunismo (EUA e URSS). Além disso, é

preciso assinalar que boa parte dos problemas morais do Brasil estão ligados à ideia da contaminação externa, porta essa aberta pelo cosmopolitismo dos grandes centros urbanos brasileiros.

Se os problemas morais estão mais ligados à juventude, isso não quer dizer que as gerações anteriores foram poupadas. Como sustenta Payne (1995), os fascismos sempre pregaram a luta geracional, em clara glorificação da juventude. Isso fica patente mesmo numa leitura rápida do *A Razão*. Os jovens são a força motora do futuro Brasil integralista, enquanto as velhas gerações ainda se apegam a valores dos séculos XVIII e XIX.

Por fim, o antissemitismo, mais presente no pensamento integralista de Gustavo Barroso (tangenciado por todos os ideólogos), apresenta sua faceta religiosa, econômica e racial. Isso demonstra o quanto o pensamento de Barroso tinha força no integralismo local. Para além disso, extravasando as tradicionais associações do judeu ao campo econômico, o antissemitismo mostrou no *A Razão* uma faceta racista escancarada.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, Mário Marcondes de. *Manoel Ribas: o Mito que ficou*. Curitiba: s. ed., 1994.
- Anderson, Benedict. *Comunidades imaginadas – reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- Araújo, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- Arendt, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- Athaides, Rafael. “O fascismo genérico e o Integralismo: uma análise da Ação Integralista Brasileira à luz de recentes teorias do fascismo”. *Diálogos*, 18, n. 3 (2014): 1305-1333. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v18i3.929>
- Barbosa, Jefferson Rodrigues. “Sob a sombra do eixo: Camisas verdes e o jornal integralista “Acção” (1936-1938)”. Dissertação de mestrado, Marília/SP, UNESP, 2007.
- Barroso, Gustavo. *O Quarto Império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- Caldeira Neto, Odilon. *Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e o Antissemitismo*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014.
- Campos, N. *A presença do laicato católico no Paraná (1926-1938)*. *História. Questões e Debates*, v. 43 (2005): 168-182. <https://doi.org/10.5380/his.v43i0.7868>
- Campos, N. Laicato católico: o papel dos intelectuais no processo de organização do projeto da igreja católica do Paraná (1926-1938). In: *V Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Igreja, Estado e Sociedade Civil: instâncias promotoras de ensino. Évora: Universidade de Évora, 2004.
- Carneiro, Maria Luiza Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- Dotta, Renato A. “Apontamentos para uma história da Ação Integralista Brasileira em São Paulo (1932-1938)”. Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo, III Simpósio do LAHPS – Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo, Juiz de Fora, Brasil, maio de 2010.
- Jurkevics, Vera Irene. “Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular”. Tese de doutoramento, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2004.
-

Paxton, Robert Owen. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Payne, Stanley. *A History of Fascism. 1914-1945*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

Oliveira, Rodrigo Santos de. “Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)”. Tese de doutoramento. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

Reale, Miguel. *Obras Políticas: 1ª fase – 1931 – 1937*. Tomo III. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

Salgado, Plínio. *A Quarta Humanidade*. 5ª ed. Edições GRD/Espaço Cultural Plínio Salgado: São Bento de Sapucaí/SP, 1995.

Silva, Rossano. “A arte como princípio educativo: um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto”. Dissertação de mestrado, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2009.

Trindade, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979.

Vasconcellos, Gilberto Felisberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Fontes Consultadas

DOPS/PR, *Pront. 1775, João Alves da Rocha Loures Sobrinho*, top. 375, Departamento de Arquivo Público do Paraná.

Jornal A Razão, números 1 a 27, Curitiba, maio a novembro de 1935 – Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS (fotografia digital).

Jornal Monitor Integralista, n. 22, 7 de outubro de 1937. Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público Municipal de Rio Claro, Rio Claro/SP.

Revista Anauê!, números 1 a 21, Rio de Janeiro, 1935-1937 - Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público Municipal de Rio Claro, Rio Claro/SP e Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa/Central de Documentação – Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR (fotografia digital).

Recebido: 19 de maio de 2021
Aprovado: 16 de julho de 2021